

Assignatura

Guimarães, semestre..... 1\$200

Fôra de Guimarães, id... 1\$330

Numero avulso..... 30

Os manuscritos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não são devolvidos.

17 DE JULHO

PUBLICA-SE ÁS SEGUNDAS E QUINTAS-FEIRAS

Anuncios

Por linha, 1.ª vez—30 reis, repetições, 20 reis. Outras publicações—preços convencionaes.

Redacção e Administração

Rua Nova de Santo Antonio
GUIMARÃES

GUIMARÃES 20 D'OUTUBRO

A nova camara

Dentro de pouco menos d'um mez tem de proceder-se á eleição da nova camara, que hade administrar os negocios municipaes.

E' esta a primeira eleição a fazer-se pelo novo código e a primeira camara a eleger, depois que as faculdades municipaes foram alargadas até á completa autonomia do concelho, dentro da divisão administrativa a que pertence.

Estas considerações devem fazer pensar quem tiver de influir directamente na escolha dos membros d'esta corporação, que são naturalmente aquelles que, pelas circumstancias ou aptidões especiaes do seu espirito ou posição, costumam centralisar a acção eleitoral da localidade.

Não se trata, n'esta hora, de ardis, mais ou menos legitimos, nem de combinações de uma tática eleitoral, rançosa e pódre. Deixemos isso. O homem, por mais precavido, ou genialmente *manhoso*, que seja, é sempre de uma força insignificante perante o movimento das grandes massas inconscientes, que elle pensa dirigir. As circumstancias impõem-se, e, n'estes actos da collectividade, resta sempre uma pequena esfera em que o livre arbitrio individual se exerce competentemente.

Uma eleição é sempre um ponto de interrogação. Está farto de saber isto quem tem o habito de ver. E' pois necessario que essa pequena esfera em que a liberdade se move, a reservemos toda para a escolha conscienciosa dos nossos *homens bons*. Os mais elevados cargos da representação municipal não podem, por exemplo, ser destinados á aprendizagem publica do bacharel, que vem das escolas, nos seus floridos vinte annos, com o coração mais propenso ás situações lyricas, do que habituado ao *terre à terre* dos negocios burguezes. Essa aprendizagem costuma custar cara; porque a questão não é só de intelligencia e illustração, que mais viva e fresca se encontra naturalmente na mocidade. Lembramos, que é ordinariamente mais facil a um novo, ser um regular deputado, do que um bom presidente da camara. As exiguas proporções da administração local, por isso mesmo que exiguas, são impertinentes á mocidade.

Noblesse oblige: ha posições que obrigam. Aquelles, a quem eleva acima do commum uma posição politica e social distincta, que a sua patria lhes ajudou a adquirir e que d'ella usam influindo politicamente, não podem escusar-se sempre a servir. Aquelles que as circumstancias ou os merecimentos pessoaes levaram a centralisar os fios dos variados interesses politicos de uma fracção

importante da localidade, não podem, não devem ficar-se toda a vida, parecendo aos olhos do publico, como os expositores de titeres, a puchar os cordeis de traz da cortina. Aquelles que, nos momentos das crises graves, assumem a direcção espirital dos grandes movimentos populares, devem lembrar-se de que os papas estão *coram populo*, vigiando os interesses do rebanho. Mandar será por ventura doce; mas mandar sem responsabilidades effectivas não é correcta. O concelho tem direito a esperar que alguma d'essas tres *classes* se faça representar, pelo menos, na presidencia da nova camara. *A meia conquista* da nossa autonomia municipal, alargando as attribuições camarárias com novas e graves faculdades, que é necessario provar-se não serem exageradas para os nossos hombros, exige dos *meios Attilas*, a quem a historia denominará tambem *meios flagellos*, não diremos de Deus, mas *da verdade e da justiça*, que façam ao concelho e á outra metade da sua conquista o sacrificio das suas pessoas.

Estas considerações, que vamos fazendo, offerecemol-as indistinctamente a todas as parcialidades. Servem, na sua generalidade, para os nossos amigos, como servem para os nossos adversarios. E se, n'este momento, pode parecer que mais nos referimos a estes do que áquelles, é que os nossos amigos não dão exemplos a moralisar, estando ha muitos annos excluidos de qualquer intervenção nos negocios municipaes. Não estamos fazendo aquillo a que vulgarmente se chama *politica*, uma coisa inutil e mesquinha. Estamos levando ao eleitor a somma de considerações sinceras, que a conjuntura nos inspira. Devemos esta explicação a quem nos lê; porque não vá a forma, com que naturalmente as revestimos, comprometter o fundo das nossas opinões, perante os espiritos prevenidos ou menos attentos. Nós não pedimos que os logares superiores sejam occupados pelos homens notaveis, como quem pede victimas para sacrificar nas aras d'uma intanzigencia, que reprovamos. Temos outro fim em vista: o de assegurar o bom nome e os interesses do concelho, principalmente nos primeiros annos d'uma experiencia grave, que constituirão sem duvida as tradições da autonomia municipal, a qual não poderá durar sem razões que a radiquem nos nossos costumes. Estão todos capacitados d'esta verdade? Isso nos basta, e não regatearemos os nossos louvores, e muito menos aos adversarios, quando os tenham merecido, segundo os dictames da nossa consciencia.

Era talvez esta a occasião opportuna para definir, segundo os velhos processos, a significação politica que

desejariamos dar ao acto, sobre o qual chamamos a attenção dos nossos concidadãos. Seria a occasião de dizermos: *para nós esta eleição tem, ou não tem, um valor politico*. Deixaremos esse processo e não diremos nada d'isso. A significação, que o acto eleitoral ha-de ter, não somos nós que lh'a havemos de dar com as nossas declarações. Os desinteressados nas luctas da localidade, os estranhos, que são os imparciaes, se demorem a sua attenção d'esse acto lembrados dos movimentos populares de que este concelho ha pouco ainda foi theatro, dirão o que pensarem dos homens e das coisas, se não preferirem calar-se.

Accentuaremos unicamente um ponto, que o mereca. Contra a expectativa de muitos, que esperavam episodios dramaticos no momento da votação, quer-nos parecer que tudo correrá serenamente, como é proprio d'um povo digno; porque —mande a verdade que se diga— os amigos do governo, tendo encontrado a maior parte do concelho já anteriormente comprometida com as opposições colligadas, não se tem dado a grandes trabalhos electoraes. E assim, o acto eleitoral terá realmente um valor politico nullo.

Para nós esse aspecto da proxima eleição é pois indifferente. Agora, o que recommendamos aos nossos e pedimos a todos é —UMA BOA CAMARA QUE FAÇA BOA ADMINISTRAÇÃO.

Pontos nos ii

Segundo a deducção mais simples dos principios reguladores da nossa sociedade, o governo tem sempre a responsabilidade de todos os actos praticados pelos seus delegados, quando expressamente os não declina.

Posto isto quem é responsavel por esse atlantado selvagem contra os direitos e contra a dignidade d'este concelho?

Quem superintendia os negocios superiores d'administração publica, quando a plebe de Braga se insurgiu contra a independencia e a liberdade dos procuradores á junta geral por este concelho, e attentou contra as suas pessoas?

O partido regenerador.

Custa a comprehender como sendo isto assim, como é, e ninguém contesta, queira a *Religião e Patria* honrar os insultadores, para disfarçar o insulto.

Guimarães não se vende, dizem os nossos collegas, e assim é na accepção mercantil da palavra, e só elles o podiam suspeitar, mas se não se bandeia a um partido pelo preço de uma offerta ou de uma dadia que avilta, tem obrigação de proteger aquelle, cuja administração mais zele e assegure os interesses geraes e mais favoreça e proficie os seus particulares interesses.

Guimarães não se vende. Não certamente, ainda que é honrada a venda que a *gratidão* paga; mas o que Guimarães não pode fazer é levantar nos seus escudos o partido que salpicou com lama os seus brazões, e hostilizar o partido que lhe despizou os brios enxovalhados.

Se o fizesse vendia-se e por preço muito vil.

Conhece-se na formula, que é impropria e tambem mediocre, a intencionalidade de baldar as naturaes manifestações de opinião em favor do partido progressista e conter nos pagodos do idolatrismo politico a devoção pelos idolos da egreja regeneradora, como se podesse, honradamente, este concelho beijar as mãos que o esbofetearam e repellir aquellas que o souberam desaffrontar!

Não, que *Guimarães não se vende*, nem ha preço que pague a desfeita que elle soffreu.

E realmente, se foi, como foi o partido regenerador quem desfeitou este nobre concelho, foi só o partido progressista quem soube desagralar-o.

Vejamos se podemos demonstrar a segunda parte da nossa these:—*A responsabilidade dos ultrajes, feitos a esta cidade, pertence toda ao partido regenerador*.

A satisfação pedida por esses ultrajes deu-a á cidade offendida o partido progressista.

Não tendo o snr. Franco Castello Branco sollicitado nenhuma reparação ou desforço ao insulto de 28 de novembro, insulto que constitue para todos os effectos um facto social e politico muito importante, nem tendo o governo dado a mais pequena satisfação a esse pugnentissimo agravo, abriram-se as camaras em janciro, e foi então que o deputado do circulo apresentou o seu projecto de annexação d'este concelho ao districto do Porto.

Para um espirito observador não podia escapar a circumstancia notavel de não haver o snr. Castello Branco interpellado o governo sobre o procedimento do governador civil e não ter, outrosim, exigido explicações que provocassem uma declaração formal por parte do ministerio.

N'esta parte era absolutamente accommodatício o projecto, que cahiu na respectiva commissão, como uma bala no fundo de um poço.

Ao cortar as aguas encrespou um pouco a superficie do lago politico, em que as nymphas do orçamento fortificam o sangue, mas foi rapido o choque e para logo se restabeleceu a serenidade e a limpidez anterior.

O snr. Castello Branco chegou até a declarar no parlamento que, na questão de Guimarães apoiava a annexação, como quem diz que,—fizesse o governo o que fizesse—, amigos como d'antes...

Ora o governo regenerador não fez nada, nem, o que é mais significativo, chegou sequer a prometter couza nenhuma.

O snr. Fontes montou a balança dos arranjos e começou a pesar Guimarães e Braga.

Poz cada cidade na sua concha.

Guimarães agitava-se, reclamava, ergula-se altiva, sacudia os musculos avigorados pelo trabalho, alevantava a cabeça ennobrecida pela independencia e pela honra.—O snr. Fontes olhava para o fiel:—Braga pesava menos. O snr. Fontes sorria para Guimarães.....

Braga convulsionava-se: Dava vivas, fazia barulho, tocava o hymno da Maria da Fonte;—O snr. Fontes segredava esperanças a Braga.....

Do projecto do snr. Franco nunca elle se importou.

O que o preocupava era a attitude digna, alevantada, uniforme, intransigente d'esta cidade e, especialmente n'um periodo historico muito melindroso, porque a indisposição geral, provocada pelos novos impostos, incidiu com o conflicto de Guimarães e augmentou-lhe *consideravelmente a gravidade*.

Só estas circumstancias lhe deram importancia.

O projecto foi um rebufado. Enguliu-o a comissão no chá do ministerio do reino, como amendoas torradas.

E os nossos collegas sabem muito bem que o governo regenerador nunca deu solução á questão de Guimarães, e que interpellado sobre ella, especialmente, pelo partido progressista, nunca se comprometteu a resolvê-la.

São estes os factos.

* * *

Diversamente, muito diversamente, procedeu o partido progressista.

Interpellado sobre a questão respondeu peremptoriamente, expoz com clareza de intuitos, e com alteza de propositos, as suas ideias e os seus fins.

Dizia na sessão de 22 de março, o sr. presidente do conselho de ministros:— «A sua ideia era resolver o conflicto entre Braga e Guimarães, não por uma medida especial, mas por uma medida de conveniência geral.»

«Em 1880 elaborara um projecto de reforma administrativa, em que concedia a Lisboa e Porto uma administração municipal autonoma, como foi depois concedida a Lisboa em 1885, e n'este projecto inserira um artigo pelo qual se tornava facultativa a applicação do mesmo principio ás cidades importantes que a pedissem.»

«Agora pensando na maneira de resolver a questão entre Braga e Guimarães, convenceram-se de que essa resolução estava n'aquelle projecto.»

«Quando aquella reforma fosse promulgada, tanto Braga, como Guimarães ficariam satisfeitas.»

«A integridade do districto seria mantida, e Braga não teria que se queixar.»

«Como o conflicto proviera dos agravos feitos aos procuradores á junta geral por Guimarães, também esta cidade, que ficaria com administração autonoma, não teria motivo de queixa, porque não teria de eleger novos procuradores.»

Immediatamente se seguiu no uso da palavra o sr. Franco Castello Branco, que disse:.....

«Pelo interesse que tem pela causa de Guimarães estava prompto a dar a sua cooperação ao sr. presidente do conselho no seu projecto, mas, como urgia resolver o assumpto, propunha uma transacção.»

Essa transacção era que se substituisse o seu projecto por outro em que se concedesse a Guimarães autonomia municipal, de forma que aquella cidade não seja obrigada a nomear procuradores á junta geral, nem a pagar impostos districtaes como se fez com relação a Lisboa.»

D'aqui se deduz:—

1.º Que o sr. Franco Castello Branco apoiou o projecto do governo:

2.º Que tanto o julgou superior ao da desannexação, que propoz para o substituir pelo de autonomia.

* * *

Ora se isto é assim, como evidentemente deixamos aqui comprovado por documentos *authenticos* para que o nega a *Religião e Patria*, para que se socorre a subterfugios ridiculos, para que deturpa os factos, falsifica os documentos parlamentares, e supprime as afirmações do sr. conde de Margaride e do proprio deputado do circulo?

O governo prometteu o que deu, e deu o que prometteu, e o que prometteu o que deu foi mais do que nós lhe tínhamos pedido, porque a autonomia é mais do que a desannexação.

Por consequencia foi o governo progressista quem lavou a affronta que nos cuspiu o partido regenerador.

Provamos, pois, completamente, a nossa these:—A responsabilidade dos ultrajes, feitos a esta cidade, pertence toda ao partido regenerador.

A satisfação pedida por esses ultrajes deu-a á cidade offendida o partido progressista.

Parabens

No passado domingo receberam a sagrada ordem de presbytero o revd.º Manuel Lopes Martins, da freguezia

de S. Estevão d'Urgez e a de diacono o revd.º Francisco d'Assis Pereira dos Santos, da rua de Santa Cruz.

As nossas felicitações.

Criado infiel

Ha dias veio á administração d'este concelho um guarda civil do Porto incumbido de averiguar aonde paravam um anel com brilhantes, um relógio e uma cadeia d'ouro que tinham sido furtados a Victorino José Pires d'aquella cidade por o seu creado Francisco José Pereira.

Acompanhava aquelle guarda o proprio criminoso e por as indicações que este prestou e com auxilio da autoridade administrativa verificou-se, que o anel estava no estabelecimento do sr. Ernesto Teibão, ourives d'esta cidade, aonde o meliante o fôra offerer a venda. O sr. Teibão desconfiando do offerente exigiu-lhe a abonação d'uma pessoa idonea, mas elle vendo que o caso se complicava, fingiu ir procurar essa pessoa e não tornou a apparecer.

O anel foi immediatamente entregue á autoridade, devendo-se a sua applicação ao honrado character d'aquelle negociante.

Quanto aos outros objectos sabe-se que foram encontrados nas Caldas de Vizella em poder d'um relojoeiro e ourives que já os haviam comprado, mas que também promptamente os entregaram.

O criminoso seguiu para o Porto em companhia do mesmo guarda, aonde vae dar contas d'esta façanha tão mallograda.

Reforma de matrizes

Veio a esta cidade na sexta feira ultima o sr. Miguel Araujo, inspector da fazenda, com o fim de escolher pessoal habilitado para o trabalho da reforma de matrizes prediaes, a que muito brevemente se vae proceder n'este concelho.

Sabemos que os individuos que pretendem ser collocados como secretarios n'aquelle serviço deram todas as provas satisfactorias da sua competencia.

Coisas e loisas

Diz o «Commercio» que o povo nos qualificou pelos ossos. Pois o —28 de novembro— diz outra coisa: «...houve de uma pequena fracção do povo agrupado uma manifestação de desagrado, originado por motivos particulares, manifestação reprovada abertamente pelas demais pessoas presentes. A este acontecimento ninguém ligou em Guimarães importancia alguma.»

Esta pequena fracção do povo, que fez manifestações publicas de desagrado por motivos particulares, que toda a gente reprova abertamente, qualificou-a logo o proprio povo, a que nos honramos de pertencer, chamando-lhe a canalha. Mas, quando o —28— accrescenta, que a este acontecimento ninguém ligou importancia em Guimarães, errou. Ligaram-lh'a os escrevinhadores dos jornalecos immundos.

Esta também pequena fracção do jornalismo vimezanense, imitando a canalha de que falla o —28—, assim qualificada immediatamente pelo povo; imitando ainda mais a canalha de Braga que, no dia 28 de novembro, apanhava da rua com as proprias mãos a sujidade, que atirava aos nossos procuradores; essa miseravel fracção do jornalismo também apanhou logo da rua, com a reprovação geral das pessoas honestas, essa sujidade ali cahida, e durante quatro longos mezes, atirou com ella, porcos nas mãos, covardes na alma, sobre homens que toda a gente sabia que não se defenderiam em quanto a honra de Guimarães não fosse desagravada.

E dizeis vós, que era o povo que nos insultava! Não, não foi o povo; foram os escrevinhadores, que não respeitam o brio alheio porque não o tem proprio. Dizei vós, se a analogia do facto não está pedindo a analogia da qualificação. Estas verdades, tão duras de dizer como de ouvir, manda a justiça que se não deixem esquecer, visto o collega ter querido instaurar connosco o processo do passado.

O systema de reles diffamação, encetado n'essa epocha, continua ainda hoje. Agora, porem, que o povo já sabe o que ha-de pensar da sua treta; hoje que o povo tem visto não ser possivel obrigar-os a formular precisamente uma accusação directa, estamos-nos rindo.

Fartamos-nos de perguntar-lhes quem é que queria que o povo fosse levado a pranchadas. Não responderam. Dissemos-lhes nós que eram com certeza aquelles que unicamente podiam lucrar com as ditas pranchadas, que desejaram metter o povo em desordem pela sua propaganda de odio, muito resolvidos a evitar a nas proprias costas, já se vê; que eram esses os mesmos que nos diffamaram. Embucharam. Agora voltam de novo. Que lhes havemos de dizer? São como o realejo.

Perguntamos-lhes quem ameaçou com transferencias? quem eram os ameaçados? quando as ameaças? Não respondem nem podem responder. Comtudo, agora voltam de novo e querem que lh'o vamos perguntar nós mesmos, ás proprias victimas da nossa ferocidade! Mas se não sabemos quem são! Dizei-o vós, procuradores dos queixosos, vós que nos accusais. Respondei a essas perguntas que ahí ficam em aberto, de novo formuladas, e que tantas vezes repetiremos quantas vós repetirdes as vossas accusações sem provas.

Agora insinuam a novidade de que nós queremos empregos, cargos electoraes, arranjos de ostentação ou luxo, *trahindo as nossas convicções e com ellas a causa d'este povo de Guimarães*. Verão que recusam também. Quem foi que *arranjou* qualquer d'essas coisas despreziveis, que vós tanto apeteceis, para vós ou para os vossos, *trahindo as suas convicções e a causa de Guimarães*? Quem as accitou, antes de desagravada a honra de Guimarães? Vamos a saber: os logares publicos em Guimarães hão-de ficar vagos até á annexação ao Porto, ou até á suppressão do districto, ou até á resurreição dos capuchos? Ou quereis que o governo mande fazer, de proposito para Guimarães, os seus empregados a Prado? Respondam os diffamadores.

Aquelle poeta o cambaleante Romen da rua de Reilho, para nos provar a nossa humilhação, apparece-nos agora com uma ideia gloriosamente lunatica. Parecem mesmo coisas de collaboração alheia. Devem dar-se todos muito bem sob a direcção do curioso tres estrellas! Quer elle que nós andemos por casa dos nossos adversarios politicos, como taes declarados, pedindo-lhes attestados do nosso bom comportamento politico! E' necessario que se note que isto foi dito a serio. Já nós tinha mandado ás nossas tristes victimas transferidas, e quer também que vamos a casa do sr. dr. Alberto Sampaio. Se lhe houvessemos de fazer a vontade tínhamos que andar.

A casa do sr. dr. Alberto, nosso cor-religionario (affirma o proprio «Commercio») deviamos ir pedir-lhe que nos escreva cartas. Não quer ficar só na especialidade epistolar aquelle ratão! Mas para quê? Nós temos diante de nós o —28— que s. exc.ª redigiu e era o orgão da comissão de vigilancia quando a sua grande maioria não estava ainda completamente saturada do virus raivoso das eleições.

Diz elle a respeito do conflicto de Guimarães, fallando da promettida autonomia:

«Viver unicamente com os nossos recursos, e dispor d'elles sem tutela de estranhos, como entendermos de conveniencia, não pode deixar de ser n'este ponto o desejo de todos.»

Este é o conflicto de interesses. Agora o de dignidade:

«Na luta em que está empenhado (o concelho) e em que continuará até receber uma satisfação condigna, nunca teve o interesse por mobil.»

Não foi por essa razão que pediu a sua sahida da circumscripção de Braga. A sua questão é outra — a do seu brio e dignidade, arrastados pelas ruas d'essa cidade n'quelle dia nefasto de 28 de novembro.»

Se estes são os principios, que precisamos nós de mais? As conclusões tiramos-lh'as nós. Para que havemos pois de ir distrahir-o dos seus estudos predilectos?

E, se a comissão de vigilancia proclamou desagravada a honra de Guimarães, que mais é preciso? A que vem agora o *nosso campeão* infeliz da annexação ao Porto? Elle não nos conseguiu nada e está tudo dito. *Nada temos que agradecer-lhe*, como diz o «Commercio». O governo deu-nos tudo: interesses salvaguardados e a honra desagravada. Temos a agradecer-lhe o que nos deu. E o *nosso campeão* era nosso deputado, era desconhecido ao circulo e o seu partido tinha responsabilidades no agravo. Tres circumstancias a que correspondem outros tantos deveres. E' necessario pesar isso. O nosso governo deu-nos tudo, sem ter obrigação nenhuma de nos dar nada, isto é: sem ter responsabilidades no attentado.

Por isso a deliberação da comissão de vigilancia, declarando guerra aos progressistas, foi tão facciosa, como leviana e injusta. Por isso e por outras muitas razões, que já expozemos. Mas, como já confessamos, que fostes vós quem deu principio á lucta eleitoral no concelho, estamos satisfeitos. Tente embora o «Commercio» a justificação impossivel do facto. Como ficou assentado, que não fomos nós quem principiou a lucta eleitoral, o resto é treta, todos podem apreciar as suas razões.

Os hibernantes

Se a «Religião e Patria» não fosse, embora o não queira confessar, o jornal official ou officioso dos regeneradores d'este concelho não nos causava reparo algum a affirmacção feita na local—augusto idolo— do seu penultimo numero; mas, porque o é, diremos ao collega, que procure os chefes d'esse partido em Guimarães e poderá saber, que nas ultimas eleições de deputados, estando os regeneradores no governo, havia progressistas no concelho.

Se o nosso, estimavel collega se quizesse dar ao trabalho de colher informações seguras, ou não quizesse de proposito occultar a verdade, não avançaria asserções completamente infundadas e que se vê na necessidade de retirar.

Missa

Amanhã a direcção do Club Commercial Vimezanense manda celebrar na igreja de S. Francisco, pelas 9 horas da manhã, uma missa em suffragio da alma do seu fallecido consocio o sr. Jacintho José de Faria.

Augusto idolo

Não tem que agradecer.

Foi-nos preciso dizer-lhe que não entendia, ou fingia não entender, a significação de idolo, para que o collega podesse perceber o que escrevemos.

Citamos o dictionario de Frei Domingos Vieira e também lhe citamos o Moraes, e podiamos cital-os todos, porque todos definem a palavra do mesmo modo, mas a *Religião e Patria*, com a lealdade de que vae dando provas surprehendentes, enguliu o dictionario do Moraes, para chamar cartilha ao do Vieira, e fallar, a proposito da significação de idolo, da *communa* de Paris!

O que lhe admiramos é o bojo.....

Vamos no principio, quer dizer, ainda o collega não entrou na questão, e já enguliu palavras, orações, periodos, discursos e até dictionarios!

E' melhor, em vez de *Religião e Patria*, chamar-se *Giboia*.

E quem lhe disse que nós queriamos que o sr. Franco Castello Branco se filiasse no partido progressista, e de que factos deduziu que o partido regenerador cahiu diante das arnuças braguezas?!

Foram os *hibernantes*, quando o sol os deixa de aquecer, que ensinaram isso ao erudito collega?

Esta só pelo diabo.

Pois então o collega não sabe que os hibernantes—é assim que deve escrever—são mamíferos e reptis, que *durante o inverno*, se conservam insensíveis?

Como se lhe mettu na cabeça que a hibernação era a falta do sol?!

Mas é muito capaz de provar, com o *sabeismo*, que no *inverno não ha sol*...

O collega, ou está a caçar com o publico, ou anda empenhado em fazer boa fama do Calino.

E isto veio para dizer que o partido progressista se some, quando o sol da auctoridade o não aquece, ao contrario da *maravilha do Perú*, conhecida vulgarmente por *boas-noites-regeneração*, que só abre quando o sol se esconde.

Em 1879 as taes *boas-noites-regeneração* abriram tamanhas folhas, que nem uma só pôde entrar na urna!

Não foi por que estivessem paralyzadas as suas funções vitais, é claro, foi porque a seiva da vida se lhes tinha desenvolvido tanto nas escuridões da adversidade, que engordaram ao ponto de não caberem nas assembleias eleitoraes.

Era como fazer entrar um camelo, salvo seja, pelo fundo de uma agulha.

Lá critica fina tem a *Religião e Patria*, e tanto que depois do nosso *sabeismo* (?) coizas e tal, assevera que:—

«*Em quanto Braga não festejar o «nosso deputado pelo menos com musica e «foquetes a macula não lhe pega.*

Reduzida a defeza do snr. Castello Branco a estes termos, quem não for tolo, que julgue.

Isto está escripto no numero 32 da *Religião e Patria*,

Não ha confissão mais eloquente.

Tentativa d'envenenamento

Acaba de levantar-se auto d'investigação na administração d'este concelho, acerca d'um crime revoltante e que revela uma enorme malvadez da parte do seu auctor. O caso, pelo que sabemos, passou-se da seguinte forma. Francisco Ventura Martins, morador na rua de Payo Galvão, d'esta cidade, havia arrendado há annos uma fabrica de tinturaria, que possui na mesma rua, a Francisco José Ferreira. Ultimamente, ou porque lhe desagradasse o procedimento d'este ou porque quizesse dedicar-se de novo áquelle modo de vida, o dono da fabrica obrigou judicialmente o arrendatario a despejar-a e logo em seguida tomou conta d'ella.

Na fabrica existe um poço que fornece agua não só para a tinturaria como também para o uso domestico, em consequencia de ser muito clara e potavel. Há dias, porém, succedeu que a primeira agua extrahida vinha completamente suja, notando-se-lhe uma espessa camada de materia verde-escura e oleosa. Repetiu-se a extracção por mais vezes sem melhor resultado, até que o dono da fabrica, persuadido de que havia desarranjo no poço resolveu mandar sondal-o.

Do exame verificou-se que o poço estava em boas condições, mas a agua completamente saturada da materia alludida e em tamanha quantidade que, sem esforço, se conseguia tirar do fundo grandes pedaços, uns molles e de cor de café carregado, outros duros e de cor verde.

Analizadas estas substancias por pessoas idoneas apurou-se que ellas não teem applicação para a tinturaria, e pelo contrario que encerram principios toxicos de força não só para matarem qualquer pessoa que bebesse da agua, como também para damnificarem completamente qualquer roupa.

Estas substancias foram remetidas para a administração do concelho e d'ahi por certo seguirão com o auto d'investigação para o poder judicial. Para não prejudicarmos a acção da justiça, abstemos-nos de fazer referencias ao supposto auctor d'este abominavel attentado, que podia causar a morte d'uma familia inteira, mas aguardamos que, com a plena confiança que nos merecem, as auctoridades competentes serão sollicitas na averiguação e inexoraveis com o delinquente, seja elle quem for.

As victimas

Tinhamos emprasado o «Commercio de Guimarães» para nos indicar os nomes das *victimias da nossa perseguição*. Como accusador corria-lhe o dever de nos responder categoricamente e sem tergiversações, sob pena de ficar engasgado com a calumnia.

O «Commercio», porém graças á disposição especial do seu organismo, parece que não tem medo d'engulir a accusação, e em vez de nos responder com a precisão que se impõe a todo o caracter serio, sobretudo em assumptos que implicam com a dignidade alheia e com o respeito que merece o publico, volta-nos as costas desdenhosamente, como quem tem plena confiança na impunidade do seu procedimento, e diz-nos, *que se não sabemos quem são as victimas, que as procuremos!!!!*

E é assim que se responde a um appello para a propria dignidade!! E' assim que se justifica uma accusação contra o caracter d'alguns individuos que se presam de honrados!! E' triste, realmente mas é a pura verdade.

E este feróz verberador das *nossas violentas perseguições*, este denodado *campeão das nossas victimas*, arrastado pela *púreza* das suas intenções e por uma *magnanima dedicação pelos infelizes*, ameaça-nos desde já com a transferencia de todos os empregados affectos ao actual governo, para quando subir ao poder o snr. Fontes!!!!. Posto isto, está retratado o homem, e passemos adiante.

Mais vale tarde do que nunca

Até que emfim o nosso estimado collega da «Religião e Patria» resolveu apoiar todas as reclamações que até agora temos dirigido á camara municipal a bem do interesse publico.

Registamos com satisfação este procedimento por vermos já uma vez o collega em concordancia com as nossas ideias, e sobretudo porque do seu auxilio nos renasce a esperanza de mais tarde ou mais cedo sermos attendidos. Não reconsidere o collega no seu proposito e verá como tudo se consegue: a sua voz é sonora e hade escutar-se, emquanto que a nossa, por mais que façamos, hade ter sempre crispções agudissimas para os ouvidos da camara.

Mas, embora; façam-se os melhoramentos que reclamamos, cohibam-se as infracções do Cod. de Post. que constantemente se praticam, e emfim preste-se attenção a todas as necessidades de momento, que nós, de bom grado cedemos, a favor do collega da gloria da nossa iniciativa, dando-nos por bem pagos com o prazer de o vermos ao nosso lado.

O que desejamos, porém, é que o collega não ponha restricções no seu apoio: seja franco e generoso não por nós mas pelo bem publico: se as nossas reclamações são justas, como o collega confessa, porque as não hade perfilhar e defender rasgadamente? Ainda se o collega «tivesse procuração da camara para a defender nos seus actos», não faríamos tamanho reparo; mas se o collega a não tem, como assevera; para que quer fingir que a tem? E demais a defeza que *finge* é tão desastrosa que para a camara mais valeria que fosse sincero: querer defendel-a da sua incuria e desprezo pelo bem publico é comprometer-a cada vez mais.

Pois a camara precisa por ventura de contrahir algum emprestimo para fazer cumprir o Cod. de Post. no que respeita á policia sobre os carros de carreira, obviando ao encommo e até desastres a que estão sujeitos os passageiros:—no que respeita ao asseio e limpeza da cidade, não consentindo que se faça estrumeira juncto ás barracas do mercado na Praça Nova, nem que passeiem livremente todos os dias e a toda a hora pelas ruas da cidade porcos, gallinhas e outros animaes,—no que respeita á limpeza do matadouro aonde são em tal quantidade os vermes creados na immundicie que algumas vezes teem chegado á acompanhar a carne que entra nos talhos, como ainda ha pouco tempo succedeu com a carne que uma pobre mulher comprou, e que estava completamente crivada dos taes bichinhos,—no que res-

peita á odiosa especulação dos regatões e regateiras que assaltam nas entradas da cidade, nas ruas e em toda a parte os vendedores de todos os generos alimenticios, para depois, os revenderem por preços elevadissimos,—no que respeita ao preço exageradissimo da carne que se vende nos talhos, quando é sabido que o valor do gado tem decrescido consideravelmente?!

Pois para tudo isto, e para muito mais que podiamos apontar, precisará a camara de recursos pecuniarios?! Mas então já se não paga aos zeladores municipaes para que elles cumpram os seus deveres?

Se a camara, realmente, chegou a este estado, ai de nós! Não poderá a camara «com os poucos recursos» que tem providenciar para que o matadouro se conserve n'um tal ou qual estado de limpeza, sempre varrido e caiado, emquanto não está habilitada a construir outro, como é de necessidade? Não poderá a camara conseguir que os marchantes diminuam razoavelmente ao preço da carne, fazendo-lhes sentir que pode obrigar-os a isso, estabelecendo talhos por sua conta? Parece-nos que esta simples ameaça e a possibilidade da sua realisacção, sem desfalque para o cofre municipal, darião o resultado desejado.

Olhe collega os recursos de que a camara carece, a nosso ver são a boa vontade e zelo por todos os negocios que estão ao seu cargo. Faça o collega por lhe inculir uma e outra coisa, que para isso tem assás auctoridade, e verá como tudo correrá bem.

Recrutamento

Segundo o mappa ultimamente publicado no «Diario do Governo» o serviço das inspecções das recrutas do districto de Braga nos mezes de Julho a Dezembro de 1885 deu o seguinte resultado:

Julho presentes—16; julgados aptos—12; julgados incapazes—3; mandados em observação para o hospital—1.

Agosto: presentes—27; aptos—13; incapazes—13; em observação—1.

Setembro: presentes—17; aptos—5; incapazes—10; isentos temporariamente—1.

Outubro: presentes—8; aptos—2; incapazes—5; em observação—1.

Novembro: presentes—16; aptos—8; incapazes—8.

Dezembro: presentes—124; aptos—56; incapazes—55; em observação—8; isentos temporariamente—5.

Total do semestre: presentes—208; aptos—96; incapazes—94; em observação—11; isentos temporariamente—7.

*

Consta-nos que foi confirmada pela Relação do districto a sentença do digno juiz de direito d'esta comarca que julgou incompetente, para o effeito do recenseamento militar dos mancebos, a transferencia de domicilio da freguezia da sua naturalidade para outra, conforme muitos d'elles tinham feito e contra o que reclamou a auctoridade administrativa, em harmonia com a legislação ultima.

A' «Religião e Patria»

O governo progressista não pede gratidão a ninguém, porque a gratidão não se impõe; mas tinha direito a esperar, que uma cidade, que quer ser civilisada, fizesse verdadeira justiça aos seus actos.

O partido progressista não tinha a responsabilidade do conflicto, nem as auctoridades administrativas de Braga eram da sua confiança, e não obstante o honrado presidente do conselho o sr. José Luciano de Castro, com a delicadeza e hombridade que o caracteriza, declarou do alto da tribuna parlamentar que salvaria Guimarães do atoleiro em que os regeneradores a deixaram, e não pedia compensações.

Não pede, é certo, nem quer, não obstante,—*la noblesse oblige*.

Mas se os *patriotas* entendem que á desaffronta deve corresponder a maior das injustiças!

Se entendem que é honrado e digno aproveitar e entrar no goso dos beneficios que receberam e morder a mão do bemfeitor, desvirtuando, maisinando as inten-

ções do governo que ha pouco os salvou d'um desastre vergonhoso, sim, se é este o codigo da honra e a lei da vossa nobresa—ávante cavalheiros!..

Pela nossa parte, é outra a nossa bandeira.

Não sacrificamos ás eleições a dignidade pessoal e nunca deixaremos de reconhecer que ao sr. José Luciano de Castro deve Guimarães a sua independencia.

DESAMORTISAÇÃO

No dia 5 de novembro no governo civil armatam-se os seguintes bens pertencentes ao passal do parcho de S. Christovão d'Abbação, d'este concelho:

O campo da Residencia, avaliado em 195\$200 reis.

A sorte do Cruzeiro, avaliada em 21\$014 reis.

ANNUNCIOS

Collegio de Nossa Senhora da Guia

Rua Nova do Commercio n.º 6.

GUIMARÃES

Reabriram-se as aulas em 1 d'outubro. Admittem-se alumnas internas, semi-internas e externas,

N'este collegio tem-se tirado bons resultados em educação, e instrução, como se viu nos exames do anno lectivo findo e anteriores e assim o demonstrem as listas publicadas.

A directora

Candida Roza da Silva Souza.

(38—38)

Convite

A direcção do Club Commercial Vimaranesense, tendo de mandar resar no dia 22 do corrente pelas 9 horas da manhã na egreja da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco d'esta cidade, a missa do 30.º dia por alma do seu fallecido e sempre chorado consocio Jacintho José de Faria, convida os socios do mesmo Club, familia e amigos do finado a assistir áquelle religioso acto.

Guimarães 16 d'Outubro de 1886.

O Presidente da direcção

(43—43) Antonio Guimarães.

Editos de 30 dias

2.ª publicação

PELO juizo de Direito e orphãos da comarca de Guimarães e cartorio do escrivão do quinto officio abaixo assignado, correm editos de 30 dias, a contar da data da segunda publicação d'este annuncio, citando os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fora da comarca, para todos os effectos do artigo 696, paragraphos 3.º 4.º do codigo do processo civil, sem prejuizo do andamento do inventario orphanologico a que se está procedendo por fallecimento de José Coelho Caldas, morador que foi no logar da Taipa, da freguezia de São João das Caldas de Vizella, d'esta comarca, no qual é inventariante a viuva que do mesmo ficou D. Maria José Alves Pereira, do mesmo logar e freguezia.

Guimarães, 21 de agosto de 1886.

Verificado.

O Juiz de Direito.

Santos

O Escrivão do 5.º officio

Joaquim Ignacio d'Abreu Vieira.

(42—42)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

O VERME ROEDOR

DAS SOCIEDADES MODERNAS OU

O PAGANISMO NA EDUCAÇÃO POR

MOR. J. GAUME

Tradução de J. S. da Silva Ferreira

3.ª edição, correcta

Preço, 400 reis.

Pelo correio, franco de porte, a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vale do correio, 400 reis.

A venda na livraria—CRUZ COUTINHO—Rua dos Caldeiros, 18 e 20—Porto, e na redacção do Progresso Catholico».

Septenario das Dores de N. Senhora

O mais completo e mais usado pelas pessoas piedosas e devotas da Virgem das Dores

1 vol. de 47 paginas—preço 60 reis.

Envia-se franco de porte a quem mandar a sua importancia em estampilhas a Teixeira de Freitas—Guimaraes.

Quem comprar 3 exemplares d'este livrinho para fazer propaganda, só pagar 120 reis.

BREVE COMPENDIO OU

Ramalhete de orações e devoções

Actos para a preparação da oração mental, adoptada pelos missionarios; assim como os versos que se cantam nas Missões—terceira edição muito augmentada conforme pareceu conveniente aos Rev.º Sr Padre Fr. Manoel Martinho Alves da Silva.

1. vol. de 357 pag. encadernado—240

DEVOÇÃO

AO S. S. CORAÇÃO DE JESUS

Pequeno mez do Sagrado Coração de Jesus

PIEDOSO PENSAMENTO PARA O

MEZ DE JUNHO

Extrahido do livro devoto da donzella pelo auctor das «Palhetas d'Ouro»

Obra aprovada por muitos Cardeaes, Arcebispos e bispos

Traduzida da 102.ª edição

POR UM FILHO DE MARIA

Contem este pequeno livrinho

Mez do sagrado Coração de Jesus, Ladainhas do Sagrado Coração de Jesus, Consagração ao Coração de Jesus, Novena ao Coração de Jesus, Invocação ao Sagrado Coração de Jesus.

1 vol. de 64 pag. em bom papel, 100 reis

Quem comprar 3 exemplares para fazer propaganda só pagará o preço de dois

Pedidos com a importancia a TEIXEIRA DE FREITAS, em Guimaraes

PADRE SENNA FREITAS

Dia a dia

DE UM ESPIRITO CHRISTÃO

Aphorismos, ou reflexões philosophicas sobre a religião, a moral, a sciencia, a litteratura, a politica, etc. etc.

1 vol. de 224 paginas em bom papel—600 reis.

TEIXEIRA DE FREITAS,—EDITOR GUIMARAES

ACABA DE SAIR Á LUZ

BIBLIOTHECA DAS FAMILIAS CATHOLICAS



HOMENAGEM

AO PADRE CARLOS RADEMAKER

VINTE E CINCO POR CENTO!

Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem replica por um que leu a Biblia

3.ª EDIÇÃO

COM UMA NOTICIA BIOGRAPHICA DO SABIO JESUITA

Ninguém desconhece a faina com que o Protestantismo pretende levantar seus arraiaes n'este nosso Portugal, e por isso, tudo quanto se fizer para lhe embargar o passo, e obra grandiosa aos olhos de Deus.

Fazendo uma tiragem de dez mil exemplares d'este livrinho, julgamos ter feito tudo quanto em nós cabe contra o Protestantismo; falta agora que todos os assignantes e amigos do Progresso Catholico nos ajudem a fazer a propaganda.

O preço de cada livrinho, contende 61 paginas e de 50 reis.—Cada 3 exemplares custam 100 reis, e cada 10 exemplares custam apenas 250 reis franco de porte pelo correio.

Esperamos que todos os nossos leitores nos peçam 10 exemplares ou pelo menos 3, e assim, com nenhum sacrificio, teremos feito uma solemne propaganda contra o protestantismo.

ALCOVA DAS PRINCEZAS E RAINHAS

Grande romance historico por Julio Baujoint—tradução de J. G. Costa

Scenas escandalosas da vida de diversas princezas e rainhas, em que figuram Cléopatra, Messalina Joana, rainha de Jerusalem, Catharina II, da Russia; Leonor Telles, de Portugal; Maria Stuart, Maria de Medicis, Anna d'Austria, e tantas outras rainhas, e que revelando os terriveis mysterios da torre de Neste, termina em Maria Antonietta, cuja cabeça enbranquecida na prisão n'uma noite de angustia, caiu no cesto da Guilhotina.

10 rs, cada folha de 8 paginas—Estampas a 19 rs.—50 rs. semanaes por 5 folhas ou 4 e uma estampa.

Brindes aos angariadores de 6 a 40 assignaturas.

Assigna-se na empreza Serões Romanticos editor—F. N. Collares, Lisboa—rua da Atalaya, 18—Porto—rua de Santo Ildefonso, 8.

HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO

POR

D. Francisco Xavier G. Rodrigo

Augmentada pelo auctor com um novo capitulo acerca de um dos mais notaveis processos, e enriquecida com varios artigos do valente escriptor catholico José Maria de Sousa Monteiro, acerca da Historia da Inquisição, de A. Herculano.

TRADUZIDA DO ORIGINAL COM LICENÇA DO AUCTOR

Pelo PADRE MANOEL JOSÉ GONÇALVES PREZA

Se a Historia Verdadeira da Inquisição necessitasse de uma recommendação, era bastante o saberse que a primeira edição se acha esgotada; mas fortemente está ella recommendada, porque tem a approvação da auctoridade ecclesiastica de Madrid, tem a approvação do Vigario de Jesus Christo, e tem a opinião da imprensa de Hespanha, Portugal e Brazil, como poderíamos mostrar se podessemos dispôr de muitas paginas. Obra approvada pelo Exc.º Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, pelos Exc.ºs e Rev.ºs Srs. Arcebispo de Braga e Bispos de Vizeu, Angra e Funchal.

BASES DA PUBLICAÇÃO

A Historia verdadeira continua sendo distribuida aos fasciculos de mais de 130 paginas em 4.º a 2 columnas ao preço de 300 reis, ou dous volumes de 550 paginas a 1\$200 reis.—Os assignantes do «Progresso Catholico» que grangearem 3 assignatura pagam só duas, ficando com uma gratis. Não se esqueça que esta obra, que em Portugal custa 2\$400 em Hespanha 4\$000 reis.

Estes preços, da primitiva assignatura são unicamente para os assignantes do «Progresso Catholico». para os demais custa cada fasciculo 400 reis e cada volume 1\$500 reis.

CULTO CATHOLICO

com solemnidade sem ministros sagrados

PELO

Exc.º e Revd.º Sr. Dom João Maria Bispo d'Angra

Este precioso livro que é mais um monumento do zelo, illustração e actividade do venerando Prelado dos Açores, já se acha exposto á venda nas seguintes localidades—Angra na Livraria Religiosa.—Ponta Delgada na loja do sr. João da Silva Santos—Horta na Secretaria da Ouvidoria.—Porto na livraria do sr. Ernesto Chardron.—Braga na livraria do sr. Eugenio Chardron.—Coimbra na loja do sr. Mesquita, rua das Covas.—Guimaraes na livraria do sr. Teixeira de Freitas.—Evora na livraria do Carlos França.—Bragança em casa do sr. Manoel do Nascimento Abel.—Sernache do Bom Jardim na loja do sr. Daniel.—Funchal na Portaria do Seminario.—Preço moeda forte em brochura 800 reis.—Encadernado 1:000 reis.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço d'assignatura

Um anno..... 4\$000 Seis mezes..... 2\$100 Numero avulso..... 200 Assigna-se na livraria CHARDRON, LUGAN & GENELIOUX, SUCCESSORES

PORTO

BREVES E FAMILIARES INSTRUÇÕES

SOBRE

O SYMBOLO

Para servir de continuação ás breves e familiares instruções do sr. José Lambert

Presbytero, doutor em theologia da casa da sociedade Sorbona, Prior de S. Martinho de Salesean.

Com approvação do Exc.º Sr.

Cardeal, bispo do Porto

Traduzida do francez e annotada pelo

P. M. J. VALENTE

2 vol. em 8.º grande, com mais de 600 paginas cada um 2\$00 reis.

Para ser util aos assignantes do «Progresso Catholico», podemos conseguir alguns exemplares d'esta obra magnifica que enviaremos franca de porte por rs. 1\$350.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO CRITICO

OPELLO

O MOURO DE VENEZA

DE

William Shakespeare

Tragedia em cinco actos, traduzida para portuguez

POR

D. Luiz de Bragança

A' venda na Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso 4 e 6 Preço, 300 reis; pelo correio 320.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Esplendida edição portuense illustrada com 500 gravuras. Primorosa tradução. A revisão do texto está confiada a Gualdino de Campos.

Esta obra é distribuida em fasciculos de 32 paginas ao preço de 100 reis.

Livraria Civilisação—Eduardo da Costa Santos—Porto.

TYPOGRAPHIA

17 DE JULHO

N'esta officina fazem-se todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que está sortida com excellentes typos. Os preços regular-se-hão com os de eguaes estabelecimentos. Garante-se a nitidez.

Rua Nova de Santo Antonio

GUIMARAES